

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 269

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

5.º Anno

NUMERO AVULSO, 30 REIS

MAUS PRINCIPIOS

Talvez pareça que temos discutido demasiadamente as opiniões do sr. Guerra Junqueiro. Não temos. Podia discutir-las toda a imprensa republicana, dias seguidos, que não conseguiria destruir o mal que ellas fizeram. N'um paiz de preconceitos, de ignorancia, de preguiça, onde se trabalha pouco, onde se pensa pouquissimo, onde, por effeito d'isso tudo, a tendencia geral é imitar, é abdicar, é ir na esteira dos que são mais cotados ou mais valiosos, não ha nada mais funesto que uma voz prestigiosa afirmando, mantendo ou defendendo o erro.

Não ha nada mais funesto!

Um *mão de redea* é a suprema aspiração de todos os mandriões, de todos os commodistas, de todos os egoistas, de todos os ignorantes. Se um homem como o sr. Guerra Junqueiro, um *semi-deus*, combate o *mão de redea*, a preguiça modera-se, a rotina esconde-se, a ignorancia encolhe-se. Mas se o homem-Jupiter, o *semi-deus*, apregoa e aclama tambem o *mão de redea*, a preguiça triumphou, a ignorancia dominou, a rotina subiu aos céos. E bem importa depois que um simples mortal, n'um obscuro semanario de provincia, opponha os bons principios a esses desvarios.

Alguns amigos escrevem-nos, applaudindo as nossas palavras, e dizendo-nos: «Ande você, que a boa doutrina ha de triumphar.» Que candura! A boa doutrina ha de triumphar contra um escriptor que dá a lei aos jornalistas, aos litteratos, aos pensadores, aos mestres, aos directores espirituas da nossa terra. A boa doutrina ha de triumphar, dicta por um desconhecido, n'um pobre jornal lido por uns centos de pessoas, contra a má doutrina, dicta por um genio n'um periodico de circulação universal, e transcripta por todos os diarios republicanos que a transmittiram a milhares de leitores. Que candura!

Venha um homem, venha um homem, diz o portuguez, desde o Cabo de Santa Maria até Melgaço. Não é d'um homem que nós precisamos, observa alguém, é de muitos homens educados nos principios, dispostos a ama-los para estarem dispostos a applica los. Ora adeus, replica o indigena estúpido, inconsciente ou brutal, o que nós queremos é um homem, haja republica ou haja monarchia, haja absolutismo ou constitucio-nalismo.

E n'esse estado de espirito surge um director espiritual, de imenso prestigio, a confirmar:

«Evidentemente, é d'um homem, só d'um homem que nós precisamos, ou seja miguelista ou seja republicano, ou haja republica ou haja monarchia.»

E tão auctorizada é a sentença que até os jornaes republicanos a perfilham, curvando-se respeitosa, reverentes.

E ha de triumphar a boa doutrina!

A obra do maior *mão de redea* que deu o mundo desde Jesus Christo, que foi Napoleão I, desfez-se n'um dia. Da obra da Revolução ficou tudo. Da obra do *mão de redea*, que atrelou a Europa ao seu carro de triumpho, não ficou nada. Todos os outros *mãos de redea*, que se lhe seguiram, deram em droga, como elle. E' de lamentar que o escriptor genial, que se chama Guerra Junqueiro, não attentasse n'esse facto

historico, veridico, incontestavel. Mas não attentou. E contra factos não valem argumentos.

Eu creio em Deus, disse o sr. Guerra Junqueiro. Qual Deus, o de Budha, o de Confucius, o de Zoroastro, o de Abrahão, o de Mahomet ou o de Christo? O do Grão Lama ou do Papa? O dos hottentotes ou o dos cafres?

Nenhum d'esses. O que dá as flôres e os passarinhos. O que dá adjectivos para a rima. Uma phantasia. Uma chimera. Um nada. Mas como o grande mundo, aliás mais atilado que o sr. Guerra Junqueiro, mais logico, mais pratico, não admitta chimeras, materialisa, concretisa, individualisa, e Deus, para elle, é um rei celeste, de calças ou saíote como os reis terrestres, de sceptro e resplendor, o *mão de redea* dos *mãos de redeas*, o patrão supremo, o sr. Guerra Junqueiro acaba por fazer no divino o que fez no humano, isto é, a apologia do cazarismo, do despotismo, da sujeição do humilde ao forte, ao poderoso.

Póde, depois d'isso, dizer-se republicano á vontade. Póde investir com o padre. Só conseguirá provar uma formal incoherencia.

Nunca Deus, nem o do Grão Lama nem o do Papa, nem o do brahmane nem o do cafre, admittiu a independencia e a liberdade do homem. Nunca, nunca! Esse facto é incontestavel. O homem ha de rastejar deante d'elle, ou deante d'aquelles que o representam. Deus é auctoritario por excellencia. E' exclusivo. Deus como Deus. O do Grão Lama chachina todos os que obedecem ao do Papa. O de Mahomet guerreia á outrance o de Abrahão. O dos catholicos, que só differem dos protestantes em usar barba rapada, já queima e enforca este só por essa simples differença de barba. Deus, que usa barba cerrada e lê a Biblia, é incompativel com Deus que lê o Brebiario e rapa a cara todos os dias.

Nem o Deus chimera do sr. Guerra Junqueiro, o Deus murmurio, o Deus azul, o Deus ether, o Deus radio, é admittido pelos outros, apezar de toda a sua innocencia. Nem é admittido pelos outros, nem os admite a elles. Odeiam-se e guerreiam-se.

Onde está aqui a liberdade? A tolerancia? A bondade? O amor?

Deus exclue tudo. Só admittie a sua auctoridade. Auctoridade sem limites e sem reserva.

Se Deus é a propria natureza, a flôr, a ave, a criação, se Deus é a propria bondade, a justiça, a verdade, inutil se torna individualisalo. Se Deus é o desconhecido, o incognito, inutil se torna falar n'elle. E' inutil e é perigoso. Sim, perigoso. O vulgo não conhece chimeras, nem termos sem significação. Não comprehende Deus sem o materialisar. Essa simples palavra importa logo, para elle, a affirmação d'um poder supremo, poder absoluto, poder real, hierarchisado e regulamentado. Com leis, codigos, funcionarios, tribunaes, fogueira e forca, em ponto grande.

Onde ha Deus, ha reis, ha prophetas, ha Papa ou Grão Lama. Deus e *mão de redea* são incompativeis com a democracia. Mas Deus sobretudo. El-rei tem costas. Deus não as tem. Manda-lq bugiar, ainda que seja em segredo, importa logo as penas do inferno.

O sr. Guerra Junqueiro, pois, affirmou dois principios, que bulham

fundamentalmente com os principios republicanos. E affirmou-os n'um povo cheio de preconceitos, minado pelo erro, boçal, ignorante. E affirmou-os ao mesmo tempo que tratou com desdenho os *maiores principios*, ao mesmo tempo que fulminou os *jacobinos*, isto é, precisamente aquelles que lutam sinceramente pela liberdade, que manifestam *alma, ideal e poesia*. N'outra parte d'este periodico demonstramos que o sr. Guerra Junqueiro não sabe o que foram os jacobinos. Participou, ali, da ignorancia commum. Mas tendo tomado por jacobinos os republicanos e os socialistas historicos, é bom mais uma vez accentuar que são esses hoje os unicos no mundo que teem *alma, ideal e poesia*. São esses os que trabalham pela educação da creança, pela libertação da mulher e pela redempção do homem. São esses os justos, dando a prova eloquente de que Deus é desnecessario para a creatura amar o proximo, e com elle a verdade, o direito, a liberdade. Não se ama o proximo a exercer a caridade, mas procurando que elle viva sem necessitar de caridade. O ideal deista deu a dama d'alta sociedade, ou o grão senhor, que mette uma esmola na mão do miseravel, mas horrorisando-se com a idéa de se nivelar com elle, mesmo que o miseravel só tenha que subir sem que a dama ou o cavalheiro tenham que descer. Deu a compensação no céu, ás injustiças e ás misérias terrestres. E' um ideal mesquinho. O ideal largo, amplo, aberto, só o possuem precisamente os que dispensam o *mão de redea* e os que não acreditam em Deus. Esses que o burguez pacato chama jacobinos. Esses mesmos. Esses, e só esses.

São utopistas? Supponhamos. Mas são generosos. Mas teem *alma*. Mas teem *poesia*. E mal parece que trocem d'elles, ou os fulminem, os proprios poetas. Poderia isso ficar bem n'um prosador, e mesmo assim n'um prosador *muito prosaico*. Mal parece, porém, repetimo-lo, n'um poeta.

E vamos terminar. Não houve, da nossa parte, o minimo proposito de combater o sr. Guerra Junqueiro. Houve só um legitimo desafego. E, juntamente, o desejo de mostrar mais uma vez aos republicanos o erro enorme, diremos mais, o grande perigo, de deixar sem protesto brando, mas claro, affirmações que contrariam, fundamentalmente, os principios democraticos. Affirmações que, muitas vezes, se não fariam, se quem as faz tivesse detraz de si um partido consciente e cioso, em vez d'um aggregado de pessoas sempre promptas a applaudir, ou, pelo menos, a calar.

O partido republicano póde ter a certeza absoluta de que se não imporá ao paiz como um partido de garantia enquanto persistir n'esse systema.

Nem discolos, nem servís. Nem petulantés, nem accomodaticios. Na linha do respeito e delicadeza pessoal, mas sem a menor abdicção de principios.

Ou não fazem nada.

TRANSCRIPÇÕES

A *Voz da Justiça*, da Figueira, e a *Voz Publica*, de Evora, transcreveram o nosso artigo do penultimo numero: *A Questão Religiosa*. A *Voz Publica*, de Evora, tambem transcreveu o primeiro dos nossos artigos *Mãos Principios*. A *Resistencia* transcreveu as duas cartas do sr. capitão Homem Christo sobre o analfabetismo no exercito.

OS JACOBINOS

E' falsa a idéa que geralmente se fórma dos jacobinos. Homens do maior talento, e de notavel illustração, cahem n'essa falsidade, a cada instante, como se viu ha pouco com o sr. Guerra Junqueiro.

Aulard, que é um investigador notabilissimo, professor e escriptor de grande auctoridade e grande merito, recolheu todos os documentos relativos á historia do *Club dos Jacobinos*, de Paris, e com elles formou seis grossos volumes, que lançaram grande luz sobre a historia da Revolução.

Aos jacobinos se refere tambem n'um outro livro, *Études et Leçons sur la Revolution Française*, vendose que os celebres revolucionarios não foram, de modo algum, os feroces exaltados que uma falsa tradição nos tem pintado. Pelo contrario, foram, em regra, moderados e prudentes, tendo tido, até, muito pouca pressa em combater a monarchia. Só no ultimo extremo, quando viram que ella se tinha tornado profundamente incompativel com a França, se resolveram a uma acção energica e decisiva.

O *Club dos Jacobinos* fundou-se em 1789, com o nome de *Société des Amis de la Constitution, réante aux Jacobins*, á Paris. Os realistas, que logo de principio os encheram de calumnias, é que lhes deram, por troca, o nome de *Jacobinos*.

Fizeram parte d'elle os homens mais notaveis no commercio, na advocacia, na medicina, nas sciencias, na arte, nas letras, taes como os dois Guérout, Cabanis, Broussonet, Lacépède e Vandermonde, Bervic, David e Carle Vernet, Andrieux, Britandé, Marie Joseph Chénier, Choverlos de Lachos, Cloutz, Fabre d'Eglantine, Fenouillot de Falbaire, La Harpe, Sylvain Maréchal, Mercier, Noel de Chapsal, Ledaine, Charles Villette, etc.

Os principaes artigos do seu programma, quando se fundou, eram estes:

Todos os poderes emanam essencialmente da nação e só d'ella pódem emanar.

O governo francez é monarchico; não ha em França auctoridade superior á lei; o rei só reina em nome d'ella e só em virtude das leis póde exigir obediencia. A lei é um acto dos representantes da nação sancionado pelo monarcha.

A pessoa do rei é inviolavel e sagrada, o throno é indivisivel, a corôa é hereditaria na raça reinante.

Nenhum imposto póde ser levantado senão por um decreto expresso dos representantes da nação.

O poder executivo supremo reside exclusivamente nas mãos do rei.

Os ministros e outros agentes do poder executivo são responsaveis.

O poder judicial não poderá, em caso algum, ser exercido pelo rei, nem pelo corpo legislativo.

Eis os principaes artigos do programma, que os Amigos da Constituição, decretado pela Assembléa constituinte em setembro de 1789, defenderam com a palavra e com a penna. Até á fuga do rei, e sua prisão em Varennes, os *jacobinos* não tiveram outra doutrina, publica ou particular, e os mais ardentes d'entre elles não procuraram outra coisa, n'essa epocha, senão fazer aceitar pelo rei um texto já accedido pela nação e onde, com infinita moderação, se tentava conciliar os di-

reitos da razão com as necessidades da tradição historica.

Cumpriram elles sempre esse programma, pergunta Aulard? Os factos, accrescenta o mesmo Aulard, que respondam.

Em 7 de junho de 1790, a Sociedade exprimiu o desejo de que a Constituição fosse publicada antes da festa da Federação. Era o desejo da França.

Em 10 de setembro, quando rebentaram na tropa desordens entre os officiaes, partidarios do antigo regimen, e os soldados, partidarios da Revolução, os *jacobinos* votaram unanimemente uma circular dirigida ás filiaes da provincia convidando os socios a *levar a ordem e restabelecer a unido, a franqueza, a cordalidade, tão precisas entre militares*.

«Dizei-lhes que emquanto os bons cidadãos se assustam com essas desordens, os maus rejubilam e se lisongeam por operar, com a insubordinação do exercito, a ruina d'uma constituição que se formou ao abrigo do seu civismo. Dizei aos chefes que os soldados, por serem seus subordinados, não deixam de ser os seus companheiros d'armas e que esse titulo impõe uma benevolencia reciproca, que a auctoridade não perde em dignidade conciliando o affecto de que se teem o direito de reclamar a obediencia em nome da lei, teem o dever de a tornar facil pela confiança. Dizei aos soldados que elles se compromette-

interesse da nação dictou e que não póde haver exercito sem disciplina, nem disciplina sem obediencia, sendo a obediencia, prescripta pelas leis, um titulo de honra.

No momento da eleição dos juizes, recommendaram n'outra circular aos eleitores que escolhessem bem, e que só votassem em pessoas sensatas e cultas. A magistratura, então eleita, foi realmente notavel pelo seu saber e pela sua probidade.

N'outra circular recommendou ao povo que pagasse os impostos da lei, mais equitativos e patrioticos do que os antigos impostos.

Emfim, os *jacobinos* foram sempre, como Aulard o demonstra, d'um grande tino e d'uma grande moderação emquanto o rei permaneceu no seu posto. Só quando este fugiu, deixando provas de traição, os *jacobinos* se declararam abertamente republicanos, e então, diga-se a verdade, affirmaram os principios revolucionarios com denodo, mas sempre com um alto espirito patriotico e com notavel clemencia e generosidade, prestando relevantissimos serviços. Se algumas vezes se enganaram, como todos se enganam, nem por isso deixaram de acertar no maior numero de casos.

A 21 de setembro de 1792 tomaram o nome de *Société des Jacobins, amis de la liberte et de l'égalité*.

Ora eis o que foram os *estupidos jacobinos*.

Capitão Homem Christo

O distincto poeta e prosador, sr. José d'Arruela, estudante de direito, na sua ultima chronica de Coimbra para o *Diario*, faz ao nosso amigo, sr. capitão Homem Christo, as mais amaveis referencias, a proposito dos serviços prestados pelo sr. Homem Christo á instrução das primeiras letras no exercito.

Agradecemos em nome d'aquelle nosso amigo.

E aproveitamos a occasião para agradecer tambem ao correspondente da *Soberania do Povo*, em Aveiro, os termos em que n'uma das suas correspondencias se dirigiu ao sr. capitão Homem Christo, exaltando os seus meritos com extrema benevolencia e sympathia.

Cartas d'Algueres

30 DE SETEMBRO.

Dizia eu que nem as proprias verbas, consignadas na lei para sustentação das bibliothecas e escolas regimentaes, se mantem. Discute-se pomposamente na camara um projecto. N'essa discussão se revelam talentos, se criam nomes, se traçam destinos. D'ella sahem uns para empregos chorudos, outros para ministros. Os amigos abraçam e felicitam os amigos. Os periodicos tecem e concedem corôas de louros aos gladiadores. Emfim, ha agitação, ha sensação, ha commoção! E ha solemnidade! Acabados os gloriosos torneios da camara, vae o ministro solemnemente, na sua tipoiá, engommado e frisado, com o correio ao lado, no seu cavalicoque, levar a lei á assignatura de sua magestade. E sua magestade, com uma penna historica, com os ares graves das grandes occasiões, a tira gatafunhos para o papel, dando curso á lei. Depois seguem-se as praxes. Aquillo não para alli. Dá mil voltas ainda a tal senhora lei. Maça meio mundo, gasta tinta e papel, é manuscrita, é impressa, e que tudo custa muito dinheiro, e só depois de todo esse redopio chega a ser um facto.

Mas eis que um continuo de repartição se lembra de que tal ou tal artigo não está bem. O continuo lembra ao chefe. O chefe lembra ao director geral. E o director geral, por si ou pelo ministro, apresenta-se a emendar o artigo, a cortar o artigo, a fazer um artigo novo, emfim, a alterar tudo, mandando aquella parte, desde o *talentoso* deputado, que fez a sua reputação a discutir a lei, até a sua magestade, que se dignou conceder-lhe a sua approvação e honra-la com a sua assignatura.

Isto é precisamente assim. E' torpe, é ridiculo ao mesmo tempo, mas é assim, tal qual o estamos dizendo.

A maior parte das vezes é a mais infima creatura da repartição que lembra o alvitro. Creatura prática está acostumada a dar alvitres, ouvida e attendida por isso mesmo que os que estão para cima d'ella não se querem matar a trabalhar e a pensar. E' melhor fazer-se assim ou assado, lembra a creatura. Prompto. Faça-se assim ou assado.

Mas isto não é uma lei assignada por sua magestade? E', porém sua magestade não se incommoda se lhe alterarem a lei. Mas o *decoro constitucional*? Gargalhada geral. Que idiota! O decoro constitucional!

Sim, ateima o caturra. Isto é uma pouca vergonha. Uma lei meditada, estudada, discutida, votada pelas camaras, sancionada pelo rei, não se altera com uma simples circular. Outra gargalhada! E' a traz da gargalhada os dichotes! Então você ainda está ahí? Então com quê, meditada, estudada, discutida, votada pelas camaras! Onde aprendeu você tão lindos termos? Você nasceu em cheiro de santidade constitucional! Ora não seja tolo.

E o desgraçado vê-se tão corrido que se apressa a bater em retirada, atirando dichotes tambem, dizendo chalaça, emfim, apressando-se a converter-se á boa doutrina, não o vão metter em Rilhafolles.

Chega a convencer-se de que o doido, de que o asno é elle.

Uma torpeza? Uma pouca vergonha? Evidentemente. Mas é assim. Assim mesmo. As leis em Portugal, principalmente em certos ministerios, desapparecem n'um instante, convertidas, ás occultas, em *coisas varias* por meio de *simples circulares*.

Ninguém sabe ás quantas anda. Ninguém conhece a legislação. A nossa legislação é um labyrintho, é um cahos, é um horror. Um sujeito quer conhecer um assumpto. Naturalmente, vae ler a lei que regula esse assumpto. Lêu, estudou, e procede em harmonia com o que lêu e com o que estudou. Pois não faz senão asneiras. Ora essa, diz o homem muito admirado, mas a lei

diz isto! Diz, diz, observam-lhe, mas olhe: isto foi alterado n'este sentido pela circular de tal, aquillo pela circular de tal... E o pobre homem chega á conclusão de que não sabe nada onde julgava saber tudo!

Um horror, uma pouca vergonha, um desaforo. Desaforo que no ministerio da guerra, sobre todos, tem attingido assombrosas proporções.

E é isto um paiz constitucional! Um paiz livre!

Que ironia!

De fórma que não imaginam a revolta, que por mim sóbe, quando ouço varios sujeitos barafustar contra a lei d'instrucção secundaria. Ora estes mariolas, digo sempre de mim para mim, que só sentem indignações contra a lei d'instrucção secundaria! Estes mariolas, que não dizem uma palavra contra tantos e tantos abusos de que tem pleno conhecimento! Estes mariolas, que são os primeiros a contrariar os verdadeiros amigos da instrucção! Estes mariolas, que deixam vegetar o povo na mais profunda ignorancia, que lançam a instrucção primaria ao mais absoluto desprezo, que se riem de todos aquellos que tomam a peito esse nobre apostolado das primeiras letras! Estes mariolas, que ainda são os mesmos a pedir a reforma da instrucção secundaria, porque, afinal, o seu unico pensamento é facilitar os estudos de tal fórma que todos os burros e cabulas da familia possam andar para diante!

Sinto-me revoltado. Mas de que valem as minhas revoltas? Elles são o grande numero.

Ha tempos, estando em Coimbra, e descendo uma rua da alta, ouvi um estudante da Universidade perguntar a outro: «Então o homem?» «Morreu esta noite.» «Ai menino, não morrer outro amanhã!»

Este tratante, fui eu dizendo mentalmente, que exulta com a morte d'um homem só por causa d'um feriado!...

O homem, que tinha morrido, era um lente aposentado. E o bregreiro não se importava que morres-

tanto que cada um d'elles desse um feriado!

Bregreiro que vae amanhã para as camaras ser legislador, que vae para o ministerio fazer parte do poder executivo, emfim, que vae ser o nosso *guia*, o nosso *mestre*, o nosso *mão de redea*, que nos vae governar e dirigir, com aquelle criterio, com aquelle moral!

E são quasi todos assim. Quasi todos. Descem aos actos mais indignos para obter um feriado.

Dá-me vontade de rir quando os ouço dizer que a reforma de instrucção secundaria será muito boa na Allemanha, mas que não presta em Portugal. Quando os vejo querer explicar essa differença de resultados por *dissertações scientificas*. Ora a questão resume-se n'isto: a Allemanha é uma nação onde se trabalha; Portugal é uma nação de mandriões.

Que diriam se nós fossemos aqui a propor seis annos de instrucção primaria como elles lá tem? Que diriam? No entanto, dos 8 aos 14 annos essa instrucção primaria, que é a instrucção integral, faria uma nação a valer d'este rebanho de ignorantes.

Mas isso não serve. Não se quer um povo consciante, culto, trabalhador, honesto. Não, que no dia em que elle fór tal vae tudo corrido. Não. O que se quer é que os meninos saíam bachareis, saíam doutores a correr, quanto antes, novinhos, para comereem á meza do orçamento poupando despesas á familia.

A instrucção, entre nós, tem sido um instrumento de galopinagem politica e não uma bandeira de resurgimento nacional. Por um lado desprezou-se completamente a instrucção do povo. Por outro lado facilita-se a instrucção secundaria e a instrucção superior, já a pedido e sob a pressão dos burguezes que alimentam os filhos n'essas escolas, já para contentar os proprios rapa-

zinhos, que todos os partidos politicos tentam attrahir como adeptos. Estudante, que se distinga nas escolas, é logo cortejado, seduzido, arrastado para o lamaçal d'essa politica de quadrilheiros que arrastam este paiz á ruina.

E' essa a maior condemnação d'esse regimen que ahí está. Tudo lhe serviu para as suas indecorosas especulações. Até a instrucção do povo não quiz saber para coisa nenhuma. Da instrucção dos burguezes fez uma arma politica, para corromper, para dissolver, para tornar, talvez, irremediavel a anarchia em que sossobra esta nau desarvorada.

A. B.

É FARTAR

Como se sabe, os periodicos monarchicos exploraram largamente os elogios feitos pelo sr. dr. Bernardino Machado a sua magestade el-rei. Pois ainda não estão fartos.

O *Dia*, de quarta-feira ultima, n'um artigo editorial de cortezania requintada, sob o titulo *Os Reis de Portugal*, festejando o anniversario natalicio do sr. D. Carlos de Bragança e da sr.^a D. Maria Amelia d'Orléans, e incensando-os d'uma maneira bem servil, diga-se de passagem, escrevia:

«Ainda ha pouco se viu o facto, digno de nota, do illustre chefe do partido republicano portuguez solicitar para um jornal republicano estrangeiro uma *nadencia* d'El-Rei, em termos primorosamente lisonjeiros para os altos dotes do Soberano.

Auctorizado testemunho é esse de quem foi seu ministro e secretario d'Estado, e insuspeito é, partindo de quem, tendo-se divorciado da monarchia, não ponde quebrar a estima e a consideração pessoal pelo monarcha. Teem sido decerto essas qualidades melhores defensoras das instituições, n'este periodo de desalentos e de intima revolta que atravessamos, do que a força das armas ou a influencia secular da tradição!»

E' fartar, rapaziada, é fartar. Mas escusavam de chamar chefe do partido republicano ao sr. dr. Bernardino Machado, que tendo todas as condições para o ser, por isso que o seu caracter e a sua intelligencia são do mais alto quilate, não o é, contudo.

No partido republicano não ha, nem houve nunca, um chefe supremo. Não o ignora o *Dia*. Mas o auctor do artigo julgou dar mais relevo ao seu feito de deitarem apontando o sr. dr. Bernardino Machado como chefe do partido republicano portuguez.

Nem o sr. dr. Bernardino Machado é chefe do partido republicano portuguez nem o sr. Luiz Morbe, que nos consta, está filiado no partido republicano hespanhol.

Soffra lá essa quebra a lisonja monarchista.

Uma creança carbonizada

Na Gafanha, perto da mota da estrada d'Ihavo, que defronta com a Costa Nova, deu-se na terça-feira um lamentavel desastre, que custou a vida a uma creança de 5 annos. Os paes indo para aquella praia tratar das suas occupações, deixaram a desventurada só em casa. A creança accendeu o lume, com o descuido proprio da sua idade, e quando os paes regressaram á noite do trabalho foram encontrar a desditosa horrivelmente carbonizada, ou antes, apenas os ossos requeimados, pois a carne havia sido devorada pelas labaredas.

Paisagens

O nosso amigo sr. João Felix tem tirado algumas paisagens de alguns pontos pittorescos e alegres da nossa beira marinha.

Algumas d'ellas já tem sido reproduzidas pelo *Seculo*.

As touradas no Pharol

Decorreram sem incidente as duas touradas annunciadas no Pharol da Barra d'Aveiro. Todos os artistas trabalharam bem, merecendo por isso applausos. O cavalleiro Prudencio é um mestre na arte tauromachica. Dito isto está feito o seu elogio. Luciano Moreira é um novo que dá esperanças. Luiz Homem e Cecilio já são conhecidos do nosso publico. Trabalham com arte e são arrojados. O gado, com tanto não fosse puro, satisfez.

Consta-nos que para o dia 9 do corrente haverá mais uma tourada, ultima da epocha, em beneficio do bandarilheiro Luciano Moreira.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete

A "OSMOND,"

Beneficios da Republica

Projecto de Ley apresentado ao Senado da Republica Cubana (1)

Art. 1.º—O Governo da Cuba garante a liberdade de cultos no territorio da Republica.

Art. 2.º—As associações religiosas reger-se-hão, como quaesquer outras que não tenham por exclusivo objecto o lucro ou a ganancia, pela lei de associação vigente.

Art. 3.º—Não será permitido a nenhum sacerdote, ou religioso, d'um ou outro sexo, que desembarque em qualquer porto da Republica, a não ser que haja nascido em Cuba.

Art. 4.º—Ninguém poderá celebrar actos religiosos na via publica, sob pena de ser detido, e castigado com multa de 100 a 500 pesos.

Art. 5.º—Fica limitado o uso dos sinos nos templos ao estritamente necessario para anunciar os officios do culto, sob pena de 10 a 50 pesos de multa.

Art. 6.º—Nenhum ministro do culto religioso, ou pessoa que o professe, poderá, fóra dos templos ou domicilios, usar trajes ou habitos que caracterisem o dicto culto, sob pena de 25 a 100 pesos de multa. As pessoas que residam em qualquer edificio ou estabelecimento publico, poderão receber, em caso extremo, se o sollicitarem, os auxilios da religião que professarem.

Art. 7.º—Nenhuma auctoridade, corporação, ou força armada, nem nenhum individuo d'essas classes, concorrerá com caracter official a nenhum acto religioso, excepto nos casos em que o serviço publico o reclame, nem poderá receber honras nem humas de qualquer Associação religiosa.

Art. 8.º—Nenhuma officina ou estabelecimento do Estado, provincia ou municipio, fará demonstrações de qualquer ordem por motivo de solemnidades religiosas nem observará dia festivo alem dos indicados, por lei, na *Gazeta Official* do dia 19 de março de 1903.

Art. 9.º—E' prohibido o ensino religioso nos estabelecimentos de ensino e beneficencia, pessoas, ou quaesquer outros semelhantes, sustentados pelo Estado, provincia ou municipio, ou que dos mesmos recebam qualquer subvenção. Os infractores d'este artigo serão castigados com a pena de suspensão temporaria, ou demissão sendo reincidentes.

Art. 10.º—Toda a reunião, ou officios, onde um ministro religioso pronunciar palavras que aconselhem ou excitem á desobediencia á lei, será considerada illegal, podendo ser dissolvida pela auctoridade. Os infractores serão subnettidos aos tribunaes de justiça.

Art. 11.º—Todos os edificios e propriedades rusticas, ou urbanas, que pertençam a comunidades ou Associações religiosas, serão absorvidas nos termos da lei.

Art. 12.º—Serão nullos todos os legados ou testamentos feitos em favor de qualquer Associação religiosa, ou dos seus ministros, salva a condição expressa de resultarem em favor de obras de utilidade geral em territorio da Republica de Cuba.

Costa Nova e Barra

As festas da Costa Nova e Barra estiveram este anno muito animadas, devido ao bom tempo que fez.

Os hoteis e casas de pasto fizeram bom negocio.

A estrada da Gafanha e Costa Nova ia coalhada de povo, bicycletes e trens que se dirigiam aquellas duas praias.

Roubo n'uma capella

As festas da Barra foram coroadas com uma proeza sacrilega.

Os ladrões aproveitando o cansasso do sachristão, penetraram na capella do Forte em a noite de segunda para terça-feira, por uma janella da sachristia, revistaram as gavetas onde suppunham guardados o dinheiro das esmolas e uma salva de prata pertencente ao sr. Cunha, banhista da praia. Depois subiram ao altar-mór, prepararam pela tribuna, derribando e quebrando castiçoes, e chegando até junto do oratorio da imagem da Senhora dos Navegantes, quebraram os vidros, lançaram-se á senhora com garras ladroeciras, deslucaram-n'a da peanha, entortaram-lhe a corôa, e despojaram a dos adresses com que os devotos a haviam enfeitado, adressos todos de ouro, á excepção de uma ancora que os malfeitores levaram por a suppreem de prata, sendo um par de brincos, 4 anneis, uma medalha, e um fio de ouro a que a medalha estava presa, e uma salva de prata que havia servido ás ceremonias do culto.

A policia foi lançada no rasto dos suspeitos criminosos, uns miseros vendedores ambulantes de artigos de vidro que na noite do roubo seguiram do arraial, por S. Jacintho, para a Torreira.

(1) Pouco mais ou menos no sentido da lei que vigora na Republica do Mexico ha mais de trinta annos. A lei mexicana é mais avançada e radical.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

26 de setembro.—Dissolve-se a junta do Porto por se ter estabelecido em Lisboa o governo portuguez, 1808. Decreta-se a fundação d'um Pantheon para receber, decorridos quatro annos depois da morte, as cinzas dos grandes homens, 1833.

27 de setembro.—Batalha do Bussaco, 1810. Paulo III institue a ordem dos jesuitas, 1540.

Batalha do Bussaco. O exercito francez invade pela terceira vez Portugal. Depois da explosão da praça d'Almeida, 26 de agosto, Massena abandona as immedições d'esta villa, occupando Celorico. De Celorico dirige-se a Vizeu, onde pouco se demora. Segue para Tondella, Mortagua, e d'aqui, em 22 de setembro, para Santa Combadão. Tendo o exercito anglo-luzo occupado o Bussaco, Massena resolve atacar-lo, dando-se a batalha em 27, e ficando o exercito francez derrotado.

Dois grandes erros commetteu Massena: não fazer o reconhecimento da posição e dar o ataque de frente.

Se tivesse feito o reconhecimento, teria descoberto um caminho que torneava a posição, ficando Wellington, que tambem não fizera esse reconhecimento, completamente perdido. Se Massena não tem desculpa, Wellington ainda a tem menos. Mal se comprehende como dois generaes, de tamanha grandeza, commetteram um erro de tal ordem. Bem verdadeira é a maxima de guerra: Não vence o que não commette erros, mas aquelle que commette menos erros!

A invasão dos francezes não foi inutil, sob o ponto de vista democratico. Por um lado, provocando a fuga vergonhosa do principe regente, e de toda a côrte, levou, mais uma vez, ao espirito publico a convicção de que a realza colloca sempre a sua segurança, e o seu bem estar, acima dos interesses do paiz. Por outro lado, como diz Soriano na *Historia do Cerco do Porto*, pags. 153, tomo I, «foi então que as armas do imperador dos francezes nos trouxeram os verdadeiros e mais fecundos germens das novas e liberaes doutrinas, ligando os naturaes do paiz em associações secretas e politicas, que, a pouco e pouco, se foram ramificando e estendendo entre as pessoas de maior reputação e merito, nas superiores classes da sociedade e particularmente entre os militares.»

Instituição dos jesuitas. (1)

Ignacio de Loyola, como é sabido, foi primeiramente um famoso aventureiro, homem de espada e *pandegas*. Tendo partido uma perna n'um combate, coxo, feio, inutilizado para a vida da guerra e do amor, fez-se beato, como a tantos succeda, e a tantas, nas mesmas condições. Cheio de exaltação, com o temperamento especial dos mysticos, não tardou a sentir-se fadado para os grandes heroismos. Depois de se ter entregado a experiencias e exercicios piedosos, que lhe serviriam para esrever os seus *Exercicios de piedade*, fez uma viagem a Jerusalem, onde chegou em 1523. Aqui, na qualidade de peregrino dominante, pediu hospitalidade aos franciscanos, que o persuadiram a voltar á sua terra. Esmolando sempre, regressou a Hespanha, onde se dedicou a estudar, por isso que a sua cultura era muito incompleta. Estudou latim em Barcelona, philosophia em Alcalá e theologia em Salamanca, sustentando-se de esmolos, que repartia com outros necessitados. Como dêsse ins-

(1) N'estas ephemerides seguimos a ordem e a chronologia estabelecidas no antigo *Almanach Republicano*, editado por Carrilho Videira, cujos dizeres uma ou outra vez aproveitamos. Certos dizeres, diga-se, sem o desenvolvimento d'estes comentarios, no geral completamente novos.

O *Almanach Republicano* indica a data de 27 de setembro como a da fundação da ordem dos jesuitas. Haber, porém, o mais auctorizado escriptor sobre os jesuitas, diz, no seu notavel livro *Les Jesuites* (edição franceza) tomo I, pags. 12, que Paulo III approvou os estatutos da *Companhia de Jesus* em 17 de setembro. Arnould, no seu tambem notavel livro *Les Jesuites*, tomo I, pags. 26 (edição de 1846) diz que foi em 22 de setembro.

A cada passo se encontram estas divergencias de datas, em auctores celebres, mesmo sobre acontecimentos modernos, ás vezes modernissimos.

tracção religiosa ás creanças, e á gen- te do povo, despertou as suspeitas da Inquisição, que duas vezes o citou a comparecer perante ella, conservan- do-o detido 42 dias da primeira vez, e 22 da segunda, reconhecendo de ambas ellas a sua innocencia. Esta perseguição, que julgava soffrer por amor de Christo, causava-lhe uma satisfação íntima, profunda. No em- tanto, achou preferível ir acabar em Paris os seus estudos. Por fim, attra- hu a si outros fanaticos, Lefèvre, Ro- driguez, Francisco Xavier, Lainez, Salmeron e Bohadilla, que a 15 de agosto de 1534, na igreja de Santa Maria de Montmartre, juraram fazer uma cruzada espiritual na Palestina. Tendo-se-lhes juntado mais dois, Co- dure e Le Gay, ahí vão elles, mundo em fóra. Demorando-se um anno em Veneza, aqui tomaram ordens os que ainda não eram padres, entregando-se todos, com uma dedicação incompara- vel, a tratar dos doentes, a dar ins- trução religiosa ás creanças, a con- verter peccadores com pregações nas praças publicas, excitando e enthu- siasmado o povo. Surgindo difficul- dades á projectada viagem á Palesti- na, dirigiram-se a Roma, onde affixa- ram os estatutos da sua sociedade, á qual pozeram o nome de Companhia de Jesus, pedindo ao papa a approva- ção, que lhe foi concedida pela cele- bre bulla Regimini militantis Ecclē- siæ, que se encontra por extenso no já citado livro de Arnould.

O papa restringiu primitivamente o numero de membros da Ordem a 60. Mas elle proprio se apressou a sup- primir essa restricção.

Aos tres votos ordinarios, de casti- dade, de pobreza (como o entendiam as ordens mendicantes) e de obdiencia, a nova Sociedade juntou um outro, na sua supplica ao papa. Jurava «dedicar a sua vida ao serviço constan- te de Christo e dos papas, comba- ter sob a bandeira da cruz, não ser- vir senão o Senhor e o pontifice ro- mano, seu vigario na terra; compromet- tia-se a prestar obediencia ínteira e immediata ao papa e aos seus suc- cedores em tudo o que dissesse res- peito á salvação das almas e á propa- gação da fé, quaesquer que fossem os puizes aos quaes os conduzissem as ordens de Sua Santidade.»

E assim, como diz Huber, á hora em que a Reforma abalava profunde- mente, até na propria Italia, a auctori- dade da Santa Sé, vinha em socorro do papado esta nova milicia, que até á hora presente não desmentiu o seu zelo, nem renegou uma só vez as suas origens, continuando methodica, systematica, tenazmente, a sua obra diabolica de destruição dos principios fundamentaes da sociedade moderna.

A' hora em que a luz surgia para os povos do Norte, mergulhavam os povos latinos mais profundamente nas trevas. A Reforma apoiava-se n'um livro. Saber lêr, era a primeira obri- gação do protestante, obrigação pro- clamada energeticamente por Lutero. A ignorancia era a qualidade mais cara a Deus no catholicismo romano. Saber lêr conduzia á heresia. Guerra á instrucção!

Oh! Como essa seita negra, como

essa milicia de nova especie, com a qual se identificou toda a Igreja ro- mana, veio a ser o elemento capital da nossa decadencia!

28 de setembro.—Realisa- se a celebre conferencia de operarios das differentes nações, em Londres, d'onde surgiu, definitivamente, a *Internacional*, 1871. A regencia do Brazil sanciona, com applauso geral, a lei da emancipação dos escravos, 1871.

29 de setembro.—Batalha de Marathona, uma das guerras da civilização, 490 antes de Christo. D. Miguel aproveita-se do dia do santo do seu nome para dar um assalto vigoroso ao Porto, 1832. E' desthro- nada Isabel II de Hespanha, 1868.

Assalto ao Porto
«Estava chegado o dia de S. Mi- guel, diz Soriano, (*Historia do Cerco do Porto*) dia do nome do infante usurpador, e feroz era festeja-lo por meio d'uma assignalada victoria, que enchesse de reputação e gloria um exercito tão numeroso e luzido como o do mesmo infante.»

Para isso dispoz o general migue- lista as suas forças, prometendo aos soldados o saque das casas constitu- cionaes. Esta infamia produziu o effe- ito contrario, por isso que, conhecida dos moradores do Porto, os inflam- mou em brios e em desespero, resol- vidos todos a arriscar a vida em de- feza da sua honra e propriedade.

Gaspar Teixeira, visconde do Pe- so da Regoa, terminava a sua procla- mação, dizendo: «Soldados! Vamos ao combate; acabemos a revolução; e, no meio dos nossos transportes, ex- clamemos sempre: *Viva a religião santa de Jesus Christo; viva el-rei (I) o senhor D. Miguel I; victoria e felicidades aos portuguezes.*»

Raiou, enfim, o dia 29 de setem- bro, brumoso, espesso de nevoas. Pro- tegidas por estas avançaram duas columnas de tropas miguelistas, de 5:000 homens cada uma, atacando as linhas constitucionaes, desde a Quinta da China até ao Carvalhido, surpre- hendendo e matando alguns extran- geiros, entre elles o tenente coronel Burrell. Resistiu-lhes desde logo o cor- po de atiradores francezes, comman- dado pelo bravo tenente coronel Saint- Léger, apoiado pelo batalhão inglez de marinha commandado pelo tambem bravo e illustre major Shaw, que substituiu o tenente coronel Burrell. Era gravissima a situação dos liberaes quando acudiu o coronel de cavallaria João Nepomuceno de Macedo, que obrou prodigios com 25 soldados de cavallaria, em auxilio dos quaes che- gou promptamente, com um grupo de voluntarios, o tenente coronel de cavallaria José Maria de Sá Camello, morto n'essa investida. Chegou no mesmo instante, com uma força de infantaria 10, o tenente coronel Pacheco, um dos mais illustres officiaes do exercito liberal. Emfim, a derrota dos miguelistas foi completa e geral. Foi

(1) Escrevia el-rei com letra pequena. Menos realistas os miguelistas, que os monarchicos de hoje, para os quaes seria desaeito escrever el rei sem letra grande.

esse um dos combates mais importan- tes das linhas do Porto, no qual se distinguiram muitos officiaes, como o coronel Hodges, o major Mariani, o tenente coronel Barroso, o major Teix- eira de Mesquita, o coronel Schwal- back, o coronel Mello Breyner, etc, etc.

O que tem graça é que o general miguelista tinha mandado anticipada- mente cantar um *Te Deum*, na cathed- ral de Braga, e em Lisboa os padres haviam anunciado do pulpito uma grande victoria para a causa da *Santa religião!*

Isabel desthronada.
Cahia, enfim, para sempre, essa mulher cruel, que nas suas digressões aavez da Hespanha só encontrava *arcos de triumpho, ovacões, aclama- ções incessantes*. De mistura com fuzi- lamentos, ordenados a cada passo, para satisfação do altar e alegria do throno!

A 10 de abril de 1865, eram fu- zilados em Madrid os estudantes que, em tumulto, protestaram contra as violencias praticadas em Castellar. Em junho do mesmo anno rebenta uma revolta militar em Valencia, afogada em sangue. Em 2 de janeiro de 1866, Prim levanta-se com os re- gimentos de cavallaria de Aranguex e Oeña. Mas não sendo apoiado por outros corpos emigra para Portugal. Em 22 de junho do mesmo anno re- benta a famosa insurreição dos arti- lheiros do quartel de S. Gil. Os sar- gentos intimam os officiaes a acompa- nha, ou a entregar as suas espadas. Um dos officiaes mata com um tiro de revolver o sargento que fazia a inti- mação. Em represalia, os sargentos matam todos os officiaes presentes no quartel. No entanto, os paizanos invadem o quartel, parque d'artilleria, e apoderam-se de 80:000 carabinas e 40 peças d'artilleria. Sabem desorde- nadamente, e d'essa desordem resulta não ter vingado n'esse dia a revolu- ção, a qual, diz o conservador e reac- cionario Cantu, teria triumphado in- dubitavelmente se tivesse á sua frente um homem só que se soubesse aprovei- tar dos grandes elementos com que contava a revolução.

O que se seguiu foi horroroso. **Quatro centos homens**, entre militares e paizanos, foram fuzilados, por turnos de 20 e 30, nos dias im- mediatos.

Continuando a mais infame polí- tica repressiva, no principio de 1867 ha nova insurreição na Catalunha e no Aragão, ganhando os insurrectos uma batalha. Mas, vencidos por fim, tiveram de passar a fronteira. Final- mente a esquadra de Cadiz revolta se ás ordens de Topete. A guarnição de Cadiz acompanha esse movimento. Segue-se a revolta da guarnição de Sevilha e Cordova. Prim e Serrano põem-se á frente do movimento e batem o marquez de Novaliches na ponte de Alcoloa. Isabel foge para Fran- ça e é deposta para sempre.

30 de setembro.—Encerra- se a *Constituinte*, 1791.

1 de outubro.—Abre-se a *Assembleia legislativa*, 1791. D. João

VIjura a constituição. 1822, violan- do logo em seguida o juramento.

2 de outubro.—Nasce Deles- cluze, 1809.

ADHESÕES

Do Centro Socialista de Braga recebemos o honroso officio que se segue:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Redactor.—O Centro Socialista de Braga, não pôde ficar silen- cioso, pela fórma desassombrosa como o jornal o *Povo de Aveiro* tem combatido a canalha reaccionaria, que pretendia com as suas paradas jesuiticas levar-nos aos tem- pos do obscurantismo.

Prestando as nossas sinceras saudações, fazemos votos para que o *Povo de Aveiro* continue impávido, na lucta que encetou, trabalhando para a reforma da sociedade actual n'uma de mais sãos principios.

Saude e revolução Social.
Braga, 23 de setembro de 1904.

Pela commissão—O SECRETARIO,
Francisco da Motta Magalhães.

Corridas de bleyetes

O *Club dos Gallitos* promove para o dia 16 do corrente uma corrida de bicycletes, em que tomarão parte os mais distinctos corredores. Publicamos em seguida o

PROGRAMMA

- A's 3 e meia horas da tarde desfile de todos os corredores.
- 1.^a CORRIDA—FRANGOS (6 voltas—3:000 metros).
- 1.^o premio: *Medalha de vermeil*—2.^o premio: *Medalha de prata*. (Reservada a socios do Club.)
- 2.^a CORRIDA—NACIONAL (10 voltas—5:000 metros.)
- 1.^o premio: *Objecto d'arte*—2.^o premio: *Objecto d'arte*.
- 3.^a CORRIDA—TANDENS (10 voltas—5:000 metros.
- Premio: *Dois objectos d'ouro, eguaes.*
- 4.^a CORRIDA—DISTRICTAL (8 voltas—4:000 metros.)
- 1.^o premio: *Objecto d'arte*—2.^o premio: *Objecto d'arte*.
- 5.^a CORRIDA—GALLITOS (8 voltas—4:000 metros.)
- 1.^o premio: *Medalha d'ouro* («Campeo- nato do Club»)—2.^o premio: *Medalha de vermeil*. (Reservada a socios do Club.)
- 6.^a CORRIDA—CONSOLAÇÃO (4 voltas—2:000 metros.)
- Premio unico: *Medalha de prata.*

JURY.—Presidente—*Jayme Duarte Silva*.—Vogaes—*Manuel Fernandes Lopes* e *Manuel Lopes da Silva Guimarães*.—Juiz de partida—*Francisco M. dos Santos Freire*.—Juiz de chegada—*José de Pinho*.—Contador de voltas—*Manuel Gonçalves Moreira*.—Chronometrista—*Eugenio Ferreira da Costa*.—Fiscaes de pista—*Antonio Rodrigues Pinto*, *Seraphim Cardozo Coelho*, *Antonio Augusto de Souza*, *Pompeu da Costa Pereira*, *João da Cruz Bento*, *Pablo Gonçalves Moreira*, *Antonio José Marques*, *Alfredo Gaspar*, *Antonio Souto Ratolla*, *João da Graça*, *Manuel Bernardo Junior*, *José Marques Soares*, *Francisco Ventura* e *Augusto Carvalho dos Reis*.

NOTA.—As horas são marcadas pelo relógio municipal.
E' obrigatorio o traje de corrida.
Queim não entrar no desfile não pôde correr.

O jury poderá fiscalisar qualquer desafio particular.
A distribuição dos premios é no proprio local, 10 minutos depois de termina- rem as corridas.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compreae a bicyclete

A «OSMOND»

vêde-o ahí a lagrimejar, a amofinar-se, a quebrar adufas, a amarrar pelotes... *Dii, vostram fidem!*
A estas palavras, Diogo Botelho recolheu-se de subito para dentro da janella, e voltou-se de repellão para o amigo.
— Simão de Ornellas—disse com sob- rebrenho agastado—não zombes, que este não é bom azo de zombarias.
— Não;... por vida minha! Bem pois, fallemos de siso; mas sus, que seja á puridade. *Verba volant*, como diz Diogo de Teive, as palavras teem azas; e tu fi- zeste em pedagos a adufa, de forma que ellas pôdem voar, e metter-se pelas set- teiras das casas visinhas, que caem sobre o nosso saguão. *Festina verba*, mas que seja á puridade. E bem, que ha a fazer?

— Está tudo a ponto e aprasado. De hoje não pôde passar de forma alguma. A's nove horas e meia irás buscar D. Beatriz a Cellas, e com ella partirás para a Madeira.
Ao acabar de dizer estas palavras, o rosto do moço estava palido como o de um cadaver, e os olhos arrasados de lagrimas.

— Por Deus, amigo—exclamou Simão de Ornellas, verdadeiramente estupefac- to—pôis não desejavas, ha tanto tempo, occasião de o fazer? Pois não é por es-

de estropiar verzes; e que o *tandem* (final- mente) que substituiu ao *interea*, vinha-lhe mesmo a pintar para o seu caso.

A nossa carteira

De visita a sua familia, esteve no domingo e segunda-feira na Costa Nova, o nosso patricio e amigo sr. João Augus- to Fernandes, retirando no ultimo dia para o Porto, onde o chamava os seus deveres profissionais.

— Com sua familia retirou na sexta- feira da Costa Nova, o sr. Joaquim Fer- reira Martins, acrediado artista e indus- trial d'esta cidade.

— Com sua familia encontra-se ha dias na Costa Nova a fazer uso dos ban- nhos, o nosso amigo sr. João Pinto de Miranda, activo industrial.

— Esteve quinta-feira n'esta cidade o nosso amigo e correligionario sr. João Ferreira.

— Regressou a Foz do Douro, o sr. dr. Manuel Nunes da Silva, digno juiz de Caminha.

— Continua experimentando sensi- veis melhoras a esposa do sr. dr. Matheus Pereira Pinto.

— Está em Espinho com sua familia o sr. dr. Alexandre de Albuquerque Cor- reia Telles, esclarecido advogado nos auditorios de Estarreja e Albergaria.

— A veranear encontra-se na praia de Espinho o sr. dr. João de Magalhães, vice-presidente da camara municipal da Villa da Feira.

— Com sua esposa e filhos está na praia do Forte o sr. Manuel de Souza Lopes, digno empregado do Syndicato Agricola de Aveiro.

— De Espinho ausentou-se para Vi- zeu o sr. dr. Afonso de Mello, digno de- legado n'aquella comarca.

— Retirou para Leiria a passar o mez de Outubro, o sr. Julio Mendes Barata, considerado pharmaceutico da capital.

— Com sua familia regressou de Va- gos, á sua casa do Porto, o sr. dr. A. Mendes Correia.

— Fez annos a sr.^a D. Maria da Ro- cha G. Netto, esposa do sr. Manuel Gon- çalves Netto, entendido algebrista d'es- ta cidade.

— Partiram hoje para Lisboa, os srs. drs. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto e Manuel Homem de Mello.

— Encontra-se restabelecida da gra- ve doença de que tinha sida acometti- da a menina Maria Eugenia, extremosa filha do sr. dr. Joaquim Simões Peixinho, entendido advogado n'esta comarca.

— Da Figueira regressou a Lisboa o sr. João de Moraes Carvelha.

Dizem-nos que ha quasi 4 mezes se encontra enclausurado n'uma das masmorras infectas, sem ar e sem luz das cadeias d'esta comarca, um des- gradado hespanhol, accusado de pas- sador de notas falsas. Dizem-nos mais que o seu estado de saude inspira sé- rios cuidados, receiando-se uma para- lysis se alli continuar a permanecer.

A ser verdade, pedimos a quem compete que faça remover este infeliz para uma das prisões onde possa es- tar gente humana.

PUBLICAÇÕES

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 107, Lis- boia, acaba de editar, n'um pequeno vo- lume, a Organização das associações de classe; Fiscalisação das aguas potaveis; Hospitalisação de enfermos no hospital Real de S. José e annexos—Hospital de alienados (Ritafolles)—Real insstituto bacteriologico Camara Pestana—Insti- tuto de ophtalmologia de Lisboa—Hospital de alienados do Conde de Ferreira (Por- to); e as leis sobre syndicatos agricolas e fiscalisação das sociedades anonymas, sendo o seu custo 150 réis.

NO PRELO: Regulamentação do sello fiscal nos lenços de tecido de séda pura ou mixta; e legislacão sobre expropria- ções e arrematações dos fóros da fazen- da nacional, e conventos de religiosas.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Compreae

A «OSMOND»

ta hora que ha mais de dois annos sus- piras? Porque pois te amofinas? Porque estás assim triste?
— Porque não posso partir com ella... porque vou separar-me d'ella—balbuciou o moço, pretendendo abafar as lagrimas, que a estas palavras lhe arrebentaram pelos olhos fóra.
Simão de Ornellas, depois de o fitar alguns segundos, apurou-se gravemen- te, e encarou-o com comica seriedade.

— Diogo Botelho—disse por fim— agora te digo que estás de todo fóra do teu siso natural. Estás peor que uma copla de Boscon ou João de Mena. Ora vem cá, homem de Deus; attende, e ouve. *Paucis te volo*. Estavas tu lá na nossa ilha, passando vida alegre e reglada, a lamuriar ás moças como um mamota que sempre foste, *sicut mamota*, eis que el-rei, que Deus guarde, se lembrou de trasladar a Universidade de Lisboa para Coimbra, e de, para a honrar, fazer vir a estudar n'ella todos os moços fidalgos do reino e ilhas. Nossos paes foram con- vidados a mandar a ella seus filhos; e o mesmo foi sel'o, que vimos nós outros, *libenter aut torlo collo*, rebolindo até Coimbra. Chegaste, visto D. Beatriz e o mesmo foi vel'a, que enamorar-vos um do outro, como quem diz

Ut vidi, ut perii, ut me malus abstulit error!
(Continúa.)

FOLHETIM

A CALDEIRA DE PERO BOTELHO

POR ARNALDO GAMA

— E bem, Diogo Botelho, que te ac- conteceu?

— E hoje!—balbucio o recém-vindo, fitando n'elle um olhar, que revelava agonia tão dilacerante, que a força da vontade a custo a podia refrear.

— E hoje!—repetiu em tom burlesca- mente plangente o do catre, que se cha- mava Simão de Ornellas.

Ambos elles eram naturaes da ilha da Madeira, e ambos fidalgos, ricos, amigos e companheiros da casa na Uni- versidade, na qual an-tiavam estudan- do.

— E hoje!—repetiu pois Ornellas em tom comicamente doloroso, deixando ao mesmo tempo descahir a cabeça para o chão e os braços desanimados ao longo do corpo.
Mas logo atirou-se de um pulo ao meio do quarto, arremetteu como um tiro a Diogo Botelho, empurrou-o para a cadeira, e, erguendo ao ar um pelote, que tomou de cima d'ella, exclamou

mou com indignação verdadeiramente comica:

— O' Santa Maria! Em que estado me puzeste o pelote, ribaldo! Pois não viste que ahí jazia esta minha pedra d'ara, que assim n'ella te sentaste sem piedade, excommungado! O' Christo, senhor nosso! Agora como ousarei apresentar-me, assim posto n'um chourigo, deante das moças da Calheta! Diz, desalmado? Ficou mesmo para nunca mais! *Infelice quis tantas potuit numerare... arumnas! Arumnas!*... Ora vêde que perro de metrol! Valha o diabo aos versos latinos, que nunca pude ageitar um que ficasse direito!

E, rosnando não sei que contra os versos latinos, poz-se a dar palmadas sobre palmadas nas abas do pelote, que estava deveras uma desgraça.

Diogo Botelho, repellido de cima do fato do amigo, e apostrophado, de mais a mais, com aquella vehemencia, diri- giu-se a largos passos á janella, atirou com um murro a adufa ao saguão, e estendendo o corpo pelo peitoril fóra como quem precisava de muito ar para respirar.

Ao barulho que fez a adufa ao dar com o taboado no lagedo do pateo, Simão de Ornellas suspendeu a ancia amorosa, com que sapateava as abas do pelote, e fitou o amigo com ares de estupefacto.

— O homem está possesso—disse por fim por entre os dentes.—Lá vae a adufa com todos os diabos. E' o mesmo—ac-

rescentou elle, seguindo com o sapa- teamento.—Assim como assim quem perde é elle. A casa pertence-lhe.

Passados mais alguns minutos largou o pelote, voltou-se para o companheiro, e exclamou:

— Com que é hoje? Diogo Botelho, homem, falla. E hoje... hoje que me das carta de alforria? E por isso te amofinas! E por isso me amarrotas o pelote! Anda um homem ha dois annos, feito copla de Boscon ou Garcilasso... e sempre de dedo na bôcca: soffre chuvas, frios, neves, e a pobre da moça da parte de dentro ás marradas ás grades, por causa do perro do pae, que jurou que morreria freira, e freira a fez, mau inferno lhe dê Deus para a alma. Por fim, eil'o que chega o dia em que elle tira o dedo da bôcca, e mette n'ella a moça; em que a moça se vinga do pae e atira com o capello ao diabo; em que em fim um homem chega a cumprir o fim dos seus desejos, o triumpho da sua vanta- de, a boa andança das suas emprezas, e, em lugar de exclaimar com o poeta

Panduntur tandem porta omnipotentis Olympi (1)

(1) *Panduntur interea domus omnipotentis Olympi*, (abrem-se entretanto os paços do omnipotente Olympo). Foi assim que escreveu Virgilio na Eneida X. 1. Advirta-se porém que Simão de Ornellas tinha o sestro

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 55000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 65000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200
Gula práctico e teórico da Cartilha Maternal— 1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (à Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costeira

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, dasde 18600 a 38600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submetter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentas e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho importfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em cliapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, cliaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO